

Medicamentos são insuficientes

Lúcia Leal

Além da falta de médicos, o carroceiro Wudson Domingues de Oliveira, de 30 anos, reclama que no Centro de Saúde n.º 4, de Ceilândia, não há medicamentos suficientes na farmácia do centro. Ele afirma que já procurou o setor três vezes em busca de antibióticos para os filhos e a resposta é sempre a mesma: "Não temos, volte amanhã". "Na verdade, a gente vai empurrando com a barriga até onde dá, depois não há outro jeito que pedir

socorro nas emergências dos hospitais", diz.

A administradora Raimunda Maria Araújo dos Santos, como a colega de Recanto da Emas, também concorda com as reclamações dos pacientes. Mas acredita que os próprios usuários tenham sua parcela de responsabilidade pela ineficiência do atendimento médico. "A proposta dos centros de saúde é de fazer trabalho de caráter preventivo, mas as pessoas só nos procuram quando o problema já está fora do nosso alcance para ser resolvido e

aí só nos resta encaminhar às emergências", explica.

O Centro atende diariamente cerca de 200 pacientes, nas três clínicas - Pediatria, Ginecologia, ambas com três médicos, e Clínica Geral, que não está em funcionamento porque o único médico de que dispunha teve seu contrato vencido no início de junho e até agora a Secretaria de Saúde não providenciou sua substituição.

Em São Sebastião, a balconista Jaciane Leonardo da Silva, de 26 anos, contou que, cansada de procurar atendi-

mento no único centro de saúde da cidade e nunca encontrar, pediu transferência do prontuário para o n.º 5, na QI 23 do Lago Sul. Desde então, cerca de um mês, sempre que sua família precisou foi devidamente atendida.

O mesmo aconteceu com a secretária Zenália Alves, de 36 anos, ex-moradora de São Sebastião e hoje residente no Gama. Hoje, ela acha que deu muita sorte, porque foi no n.º 5 que encontrou atendimento "a contento", como faz questão de afirmar.